

Núcleo I NA MARGEM DIREITA DO GUADIANA FACE A ESPANHA

Part I THE RIGHT BANK OF THE GUADIANA RIVER FACING SPAIN

Pormenor da vista
do castelo de Castro
Marim no sentido
Norte-Sul, onde se lê
a referência a
Arenilha.

Fonte: Duarte de ARMAS, *Livro
dos Fortaleços, Fac-símile do
MS. 159 da Casa Forte do
Arquivo Nacional da Torre do
Tombo*, 1997, fl. 1.



1º O RIO GUADIANA: FRONTEIRA E COMÉRCIO

THE GUADIANA RIVER: FRONTIER AND TRADE

No Algarve, o Guadiana afirmou-se como fronteira entre o Reino de Portugal e o vizinho Reino de Castela a partir do ano de 1267, através do Tratado de Badajoz. Desde então, a fronteira passou a ser protegida e guarnecidada de castelos e fortalezas. Disso temos o exemplo dos castelos de Alcoutim e de Castro Marim.

No entanto, apesar de separar dois Reinos em constante conflito, o Guadiana nunca deixou de ser usado para fins de comunicação e comércio entre as diferentes localidades situadas nas suas margens, tal como sempre o fora desde a Antiguidade. Para além de ser um importante intermediário entre o litoral algarvio e o interior alentejano, também através do Guadiana se processava uma intensa actividade comercial entre algarvios e andaluzes.

À vizinha Andaluzia eram vendidos os frutos secos do Algarve – figos, passas, amêndoas – além de peixe fresco ou salgado, vinho, sal e azeite. Em troca, os portos algarvios recebiam sobretudo os cereais, mas também legumes e tecidos de lã ou de linho.

Sobre estas trocas recaía uma forte pressão fiscal e certas mercadorias, como o gado, não podiam ser transaccionadas. Daí o fenómeno do contrabando, endémico em todas as regiões fronteiriças.

In the Algarve, the Guadiana was established as the boundary between the Kingdom of Portugal and the neighbouring Kingdom of Castile as from the year 1267 at the Treaty of Badajoz. Since then, the Algarve frontier became protected and fortified with castles and forts. Examples of this are the Alcoutim and Castro Marim castles.


However, in spite of separating two continuously conflicting kingdoms, the Guadiana never stopped being used as a means of communication and trade between the various settlements on the riverbanks, as it always has since days immemorial. As well as being an important link between the Algarve coastline and the interior of the Alentejo, the Guadiana was also a busy trading route for the inhabitants of the Algarve and Andalusia.

Dried fruit, such as figs, raisins and almonds from the Algarve were sold in neighbouring Andalusia, as well as fresh or salted fish, wine, salt and olive oil. In exchange, the Algarvian ports brought in cereals mainly, as well as vegetables and woollen or linen fabrics.

Heavy duties were levied on these exchanges, and certain goods, such as cattle, could not be traded. This led to a trend in smuggling which is usually widespread in all frontier regions.

Reconstituição
hipotética da Ermida
de Sto. António, em
Santo António de
Arenilha (1554) -
pormenor do
desenho da autoria
do arquitecto
Mansinho Afonso.

Fonte: Visitações da Ordem de
Santiago no Sotavento Algarvio
(subsídios para o estudo da
História da Arte no Algarve),
(coord.) Hugo Cavaco, 1987,
p. 245.



2º O “LUGAR” DE ARENILHA

THE “PLACE” CALLED ARENILHA

A mais antiga referência a um "lugar" chamado Arenilha remonta aos inícios do século XVI, entre os anos de 1508 e 1510, e encontra-se no *Livro das Fortalezas* (um conjunto de desenhos que representam todos os castelos e fortalezas portugueses fronteiriços ao reino vizinho) da autoria de Duarte de Armas. Num desenho do castelo de Castro Marim é possível identificar o topónimo Arenilha junto à foz do Guadiana. Nesta altura, a povoação ainda não tinha sido criada por ordem régia, pelo que Arenilha era somente o nome dado àquele lugar, sazonalmente ocupado por pequenas comunidades piscatórias.

Estas comunidades seriam essencialmente compostas por pessoas oriundas do reino vizinho, pois o topónimo é um substantivo de origem castelhana que se pode traduzir por "areia miúda", referindo-se às características arenosas do local. Mais tarde, diversos autores lhe fizeram referência, mas como a vila de Santo António de Arenilha sempre se manteve pequena e precária povoação, pouca atenção lhe dedicaram.

The oldest reference to a "place" called Arenilha dates back to the early 16th century, between 1508 and 1510, and it is mentioned in the *Livro da Fortalezas* (Book of Forts) - a series of drawings depicting all the Portuguese castles and forts on the frontier with the adjoining kingdom - authored by Duarte de Armas. On a drawing of Castro Marim Castle one can make out the place name Arenilha close to the mouth of the Guadiana. At that time, the settlement had not yet been officially created by royal decree, so Arenilha was merely the name given to that place that was occupied seasonally by small fishing communities.

These communities would in actual fact have consisted of people from the neighbouring kingdom since the root of name is Castilian and roughly translates as "fine sand", due to the nature of the area.

Later, several writers mentioned it, but since the town of Santo António de Arenilha was always a small, precarious settlement, it was not given much attention.

Reconstituição
hipotética da Igreja
da Trindade, em
Santo António de
Arenilha (1554) -
pormenor do
desenho da autoria
do arquitecto
Mansinho Afonso.

Fonte: Visitações da Ordem de
Santiago no Sotavento Algarvio
(subsídios para o estudo da
História da Arte no Algarve),
(coord.) Hugo Cavaco, 1987,
p. 245.



**Odiana
«Item. Que a
Villa darenilha
seja couto
quomo he
Crasto
Marim».**

Dom Joham etc.. A quantos esta minha carta virem faço saber que por parte dos moradores da minha Villa darenilha me foy apresemada huma carta del Rey meu senhor e padre que samta gloria aja de que ho teor he este que se ao diamte segue:
Dom Manuell per graça de Deus Rey de portugall e dos algarves daquem e dalem maar em africa, senhor de guine, e da conquista, navegaçam, comercio dethiopia, arabya, persya e da Imdia, a quantos esta nosa carta virem fazemos saber que querendo nos fazer graça e merce aos moradores que morarem na nosa Villa darenilha que hora mandamos fazer e edifycar, temos por bem queremos e nos praz que ha dita Villa seja couto asy e da maneira que ho he a nosa Villa de Crasto Marim, e as pessoas que hy viverem gozem dos privylegios, liberdades, framquezas, graças e merces que temos outorgadas aos moradores da dita Villa de Crasto Marym. E porem o notificamos asy ao nosso Corregedor do Reyno do alguarve e a todollos outros juizes e justiças, oficiaes e pesoas de nosos Regnos a que esta carta for mostrada e ho conhecimento della pertemcer e lhe mandamos que cumpram e guardem aos moradores da dita Villa darenylha os ditos privylegios e liberdades que tem os moradores da dita Villa de Crasto Marym, por quanto lhos damos e outorgamos asy guardados sem nyso lhe ser posto duvlda nem embargo algum, os quaes privylegios lhe sejão guardados mostrando o trelado delles em ppública forma somente. E por certidão dello lhe mandamos pasar esta nosa carta, dada em a nosa cidade devora a biij (8) dias de fevereiro.
Damyão Dias a fez. Anno do naçimento de nosso senhor Jhsus Xpo de myll e bc xij (1513) // Pedimdo me por merce que lha confirmasse. E viso seu requerimento ey por bem de ha confirmaar e per esta lha confirmo // E mais me praz por lhe fazer merce que os omiziados que se vierem asemtar na dita Villa darenilha semdo pescadores a que ho alcaide moor e juiz da carta do couto por dous meses se lhe de a dita carta no tempo dos cerquos por quatro meses que he o tempo que dura a sardinha e semdo no lugar do malefício nom sayam em terra e estem no maar ate se lhe vemder seu pescado. E porem vollo notefico asy e vos mando que todo cumpraes esta carta como se nella conthem. Dada em a minha Villa dalmeirym a xxb (25) dias de mayo. Bastião da Costa a fez de myll e bc xxbj (1526).

Carta de Privilégio concedida por D. Manuel I em 1513 para que Arenilha seja couto confirmada por D. João III em 1526.

Fonte: A.N.T.T., Chancelaria de D. João III, Livro 12, Fl. 62, in Hugo CAVACO, *Reino de Santo António de Arenilha*, 1985, em Apêndice Documental, (doc. II), pp. 27-28.

3'

A NECESSIDADE DE CRIAÇÃO DA VILA DE SANTO ANTÓNIO DE ARENILHA

THE NEED TO ESTABLISH THE TOWN OF SANTO ANTÓNIO DE ARENILHA

A principal razão que levou a que o rei D. Manuel I quisesse povoar a foz do Guadiana teve origem numa estratégia económica. O local onde se viria a instalar a vila de Arenilha encontrava-se despovoado nesses inícios do século XVI. Desta maneira, podiam as mercadorias passar de Portugal para o vizinho Reino de Castela, e vice-versa, sem que houvesse um controlo alfandegário. Os pescadores castelhanos também podiam vir livremente pescar nos mares do Sotavento algarvio, em prejuízo do fisco português. Além do mais, estando este sítio desabitado, os ricos recursos piscícolas proporcionados pelo mar de Monte Gordo eram muito pouco aproveitados por portugueses. Assim, em nome dos interesses do Reino e através de *Carta de Privilégio* concedida por D. Manuel I a 8 de Fevereiro de 1513, é criada a vila de Santo António de Arenilha na margem direita da foz do Guadiana, uma povoação essencialmente vocacionada para a pesca. O monarca pretendia afirmar assim a sua soberania política e administrativa sobre aquele ermo território raiano, visando evitar o contrabando e retirar melhores rendimentos das pescarias em Monte Gordo.

The main reason for King Manuel I to populate the Guadiana river-mouth was based on an economic strategy.

The area where the town of Arenilha was to be located was uninhabited at that early 16th century time. Goods had therefore been able to travel back and forwards between Portugal and the adjacent Kingdom of Castile, without customs control. Castilian fishermen were also able to fish freely in the ocean off Eastern Algarve, to the detriment of the Portuguese treasury. In addition, as the place was uninhabited, the rich fishing resources of the ocean off Monte Gordo were under-exploited by the Portuguese.

So the town of Santo António de Arenilha was established on the right hand banks of the Guadiana river-mouth, basically dedicated to fishing, by means of a Charter of Privileges dated 8th February, 1513, granted by King Manuel I on behalf of the interests of the Kingdom. The monarch thus intended to affirm his political and administrative sovereignty over that desolate frontier territory, with a view to preventing contraband activities and securing more revenue from fishing off Monte Gordo.



4'

PRIVILEGIOS CONCEDIDOS AOS MORADORES DE SANTO ANTÓNIO DE ARENILHA

PRIVILEGES GRANTED TO THE SANTO ANTÓNIO DE ARENILHA INHABITANTS

Nos primeiros anos da existência da nova vila de Arenilha, os monarcas D. Manuel I e D. João III concederam aos arenilhenses certos privilégios. Desde a data da sua criação – 1513 – os moradores de Arenilha estavam livres da obrigação de pagar os direitos das mercadorias que entravam na sua vila, desde que estas se destinasse ao consumo próprio e não à venda. A partir de Maio de 1529 ficaram livres do pagamento do imposto sobre o vinho que vendessem. Em 1542, o rei D. João III autorizou que Arenilha tivesse uma barca de passagem no seu porto, de modo a facilitar a circulação de pessoas e mercadorias entre as duas margens do Guadiana. O dinheiro obtido com o aluguer da dita barca revertia a favor da Câmara de Arenilha. Os arenilhenses detinham ainda o privilégio de estarem isentos da acção da Justiça exterior ao seu termo. O propósito de tudo isto era facilitar o quotidiano desta gente, fixá-la no local e atrair novos moradores.

During the early years of the new Arenilha town, Kings Manuel I and João III granted certain privileges to its inhabitants. From its 1513 foundation date, those living in Arenilha enjoyed duty-free facilities for merchandise entering the town, provided they were for personal consumption and not for sale. As from March, 1529, they were granted tax exemption on wines they sold. In 1542, King João III issued an authorisation for Arenilha to have a ferry at its port to facilitate the traffic of people and goods between the opposite banks of the Guadiana. The revenue accrued from the rental of the ferry would be for the Arenilha Council. The townspeople also enjoyed the privilege of being exempt from certain juridical constraints. The purpose of these incentives was to facilitate the daily life of the populace and ensure they became established there, and to attract new inhabitants.

Casa feita de colmo,
situada na antiga
zona do Sertão de
Monte Gordo. Anos
40 do século XX.
Seria em cabanas
deste género que
viviam os
arenilhenses.

Fonte: Coleção de postais
"Pormenores dos postais
editados pela Câmara
Municipal de Vila Real de Santo
António, 1995, postal nº 9.

5'

A VIDA EM SANTO ANTÓNIO DE ARENILHA

LIFE IN SANTO ANTÓNIO DE ARENILHA

Os moradores de Arenilha seriam provenientes de povoações e localidades próximas, como Castro Marim, Cacela ou da praia de Monte Gordo. Mas uma boa parte deles seria também oriunda do reino vizinho, nomeadamente de Ayamonte e arredores.

A pesca era a principal actividade exercida, e viveriam em cabanas de colmo, típicas das povoações piscatórias. O pinhal ali perto fornecia-lhes a madeira usada para a construção dessas habitações. A partir desta matéria-prima, os arenilhenses também faziam as suas embarcações e diversos utensílios, fossem estes domésticos ou ligados à actividade piscatória.

Em Arenilha existiam dois edifícios religiosos, dos quais não restam hoje quaisquer vestígios. Eram eles a igreja da Trindade, situada entre as habitações, e a ermida de Santo António, já um pouco mais afastada do aglomerado e edificada num ponto mais elevado. Construídos nas primeiras décadas do século XVI, seriam provavelmente os únicos edifícios de alvenaria existentes entre as cabanas dos pescadores.

Arenilha era frequentemente acometida por assaltos da pirataria mourisca. Desde a época medieval as costas algarvias eram alvo de piratas berberes que saqueavam e destruíam as povoações do litoral. Para tentar resolver esta situação, Santo António de Arenilha foi protegida, nos meados do século XVI, por uma paliçada de madeira.

Localizada na margem direita da foz do Guadiana, seriam frequentes e intensas as relações entre arenilhenses e ayamontinos. Este facto é desde logo atestado num documento de 1554, que refere a vinda a Arenilha de um padre de Ayamonte para celebrar as missas, regressando à sua terra quando terminava o serviço litúrgico. Isto porque à data não havia pároco na igreja da Trindade.

O contrabando foi também e desde sempre uma realidade vivida em Santo António de Arenilha. A proximidade com o reino vizinho, a convivência entre as populações das margens opostas, a falta de oficiais alfandegários por estas bandas e o peso do imposto sobre o pescado e outras mercadorias que iam e vinham pela fronteira, eram factores favoráveis ao desenvolvimento do comércio ilícito. Em 1547 foi elaborado um "Regimento" que tinha por objectivo regular e apertar a vigilância alfandegária. Medida que não obteve grandes resultados, pois a prática do contrabando manteve-se.

Carta Topographica das terras incultas, salgadas e sapaes do termo da V.^a de S. Ant.^o D'Arenilha, mandada tirar por Ordem do ILmo e Ex.mo Senhor D. Joze Francisco da Costa e Souza, Armador Mor de Sua Mag.e Cap.am General de este Reyno do Algarve, pelo Sarg.to Mor Joze de Sante Vasconcellos e desenhada pelo mesmo. Anno de 1775.

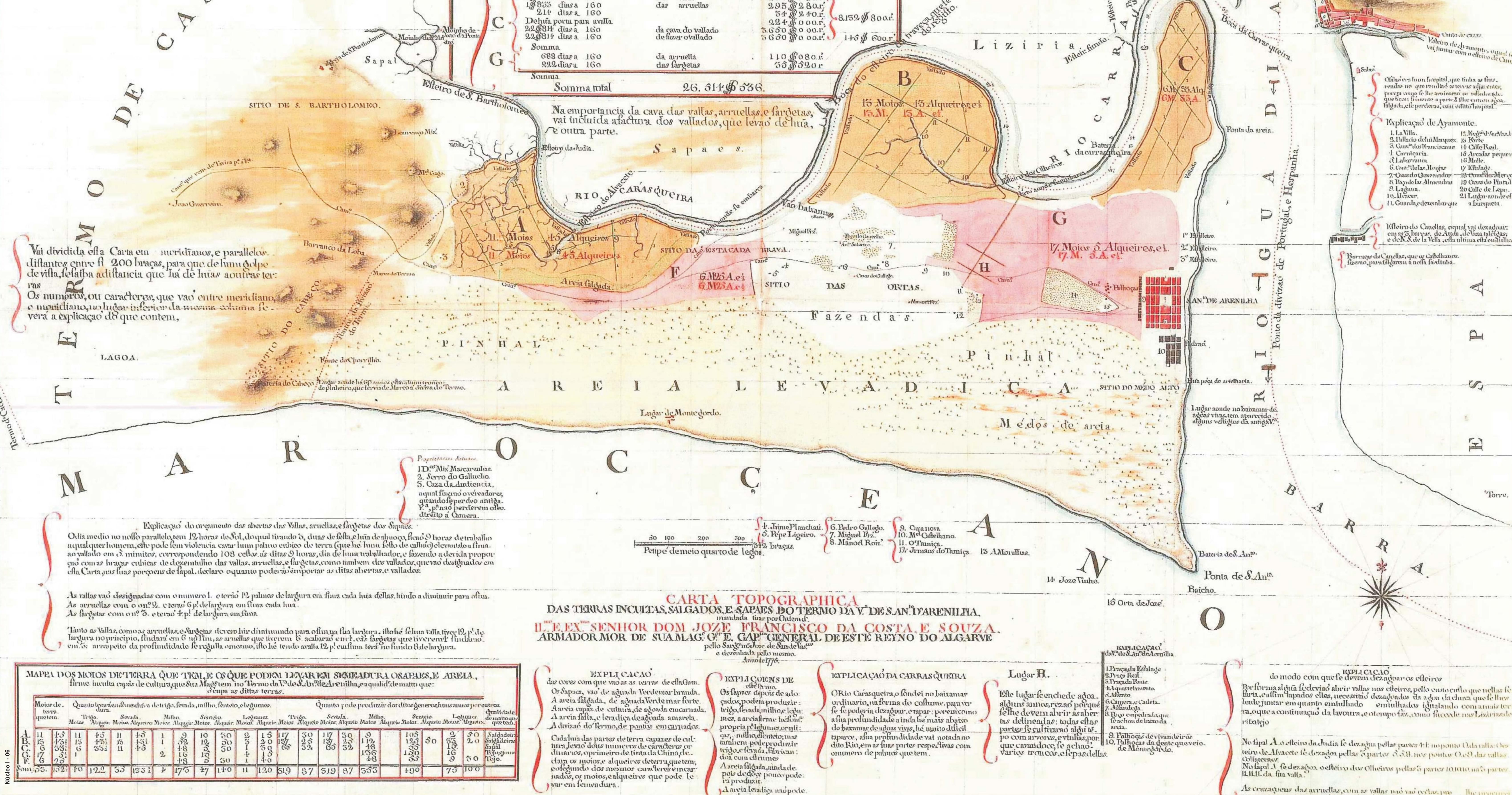
Fonte: Instituto Geográfico e Cadastral, Cartas Antigas, 6.2.7-293.

Those living in Arenilha were probably from nearby settlements and places such as Castro Marim, Cacela or Monte Gordo beach. A fair number of them would have been from across the border, mainly the Ayamonte area.

Fishing was their principal livelihood and they would have lived in the typical thatched huts that existed in fishing villages. The nearby pinewood was a source of timber used to build these dwellings. This raw material was used by the locals to construct their boats and various tools for either domestic uses or fishing.

There were two religious temples in Arenilha, but no remains now exist. They were the Trindade church sited in amongst the houses and the Santo António chapel which was a short distance away on a higher point. They were built in the early decades of the 16th century and were probably the only masonry buildings located beside the mass of fishermen's huts.

Arenilha was a frequent target of Moorish pirates. Ever since medieval times the Algarve coast was attacked by Berber pirates who pillaged and destroyed. In an attempt to solve the problem, the town of Santo António de Arenilha built a wooden stockade for defence in the mid-16th century. With its location on the right bank of the Guadiana river-mouth, there was a considerable amount of communication between the Arenilha and Ayamonte inhabitants. This is confirmed in a 1554 document that mentions frequent visits made to Arenilha by an Ayamonte priest to officiate at mass, and who returned when the services finished. During that time there was no parish priest at Trindade church. Also, smuggling was a continuous activity in Santo António de Arenilha. The closeness of the neighbouring kingdom, relationships maintained between the communities on the opposite riverbanks, a lack of customs officials in the area and the tax burden on fish and other goods that travelled to and fro across the border were incentives to carry out illegal trading. In 1547, a royal directive was issued in order to regulate and reinforce customs vigilance. This measure failed to secure significant results and the contraband activities continued to flourish.





Reconstituição
historicamente
fundamentada de
Santo António de
Arenilha (pormenor
do desenho da
autoria de Luís
Mansinho Afonso).

Fonte: Coleção de postais
"Fundação": 11 postais
editados pela Câmara
Municipal de Vila Real de Santo
António, 1995, postal nº 8.

6º A DEMOGRÁFIA ARENILHENSE THE ARENILHA DEMOGRAPHICS

De todos os documentos que se referem a Arenilha, resulta que a vila foi sempre escassamente povoada.

Entre 1527 e 1573, os moradores de Arenilha rondavam as seis dezenas. No entanto, por volta do ano 1600, já não ultrapassariam a dezena, o que significa que a população foi reduzida a um sexto no espaço de duas ou três décadas.

Assim a vila de Santo António de Arenilha foi ficando cada vez mais despovoada a partir dos finais do século XVI. Sabe-se que em 1673 ainda aí residiam algumas pessoas, mas muito poucas.

According to all the documents referring to Arenilha, the town always had a scant population.

From 1527 to 1573, people living in Arenilha numbered only about sixty. But around the turn of the century there were less than ten, so the population was reduced to one sixth over a period of two to three decades.

It is therefore apparent that Santo António de Arenilha gradually lost most of its inhabitants as from the late 16th century. There are records showing that some people were still living there in 1673, but very few.



7‘

A EXTINÇÃO DA VILA DE SANTO ANTÓNIO DE ARENILHA

THE EXTINCTION OF SANTO ANTÓNIO DE ARENILHA

Foram dois os motivos que contribuíram para o abandono da vila de Arenilha. O primeiro relacionou-se com a pirataria mourisca que assolava as costas algarvias, ameaçando as populações do litoral. No entanto, o motivo fundamental foi a acção do mar. Arenilha foi progressivamente engolida pelas águas do oceano e o local onde habitaram os arenilhenses encontrase hoje submerso.

Nas primeiras décadas do século XVIII a vila encontrava-se praticamente extinta. Os seus moradores foram-se dispersando pelas terras circundantes e a maioria acabou por se instalar na praia de Monte Gordo, de mares ricos peixe.

There were two causes that led to the abandonment of the town of Arenilha. The first was the effect of Moorish piracy that played havoc along the Algarve coastline and threatened the inhabitants there. Even so, the main reason was damage caused by the sea. Arenilha was gradually engulfed by the Atlantic swells, and the place where its inhabitants lived is now submerged.

By the early decades of the 18th century, the town was practically extinct. Little by little its population dispersed throughout the surrounding areas with the majority eventually settling at Monte Gordo beach with its rich fishing grounds offshore.

Reconstituição
historicamente
fundamentada de
Santo António de
Arenilha (pormenor
do desenho da
autoria de Luís
Mansinho Afonso).

Fonte: Coleção de postais
"Fundação": 11 postais
editados pela Câmara
Municipal de Vila Real de Santo
António, 1995, postal nº 8.